

A Aliança China- Rússia: reconfiguração do sistema-mundo

Wander Catarina dos Santos* e Rodrigo Cantu de Souza**

Resumo: O sistema interestatal do século XXI enfrenta crises sistêmicas e transições hegemônicas profundas, refletidas na guerra na Ucrânia e na ascensão da China. Este estudo examina como a aliança sino-russa e esses eventos reconfiguram a ordem global. Utilizando o método de process tracing, analisa-se a cooperação sino-russa como fator crucial na multipolaridade emergente, desafiando a hegemonia ocidental. A análise fundamenta-se nas teorias de Wallerstein e Arrighi, destacando o declínio da hegemonia americana e o surgimento do ciclo chinês.

Palavras-chave: Crise Sistêmica. Transições Hegemônicas. Multipolaridade. Ordem Global. Aliança Sino-Russa.

Abstract: The 21st-century interstate system faces systemic crises and profound hegemonic transitions, reflected in the war in Ukraine and China's rise. This study examines how the Sino-Russian alliance and these events reshape the global order. Using process tracing, Sino-Russian cooperation is analyzed as a crucial factor in emerging multipolarity, challenging Western hegemony. The analysis is based on Wallerstein's and Arrighi's theories, highlighting the decline of American hegemony and the rise of the Chinese cycle.

Keywords: Systemic Crisis. Hegemonic Transitions. Multipolarity. Global Order. Sino-Russian Alliance.

Resumen: El sistema interestatal del siglo XXI enfrenta crisis sistémicas y transiciones hegemónicas profundas, reflejadas en la guerra en Ucrania y el ascenso de China. Este estudio examina cómo la alianza chino-rusa y estos eventos reconfiguran el orden global. Utilizando el método de process tracing, se analiza la cooperación chino-rusa como un factor crucial en la multipolaridad emergente, desafiando la hegemonía occidental. El análisis se basa en las teorías de Wallerstein y Arrighi, destacando el declive de la hegemonía estadounidense y el surgimiento del ciclo chino.

Palabras clave: Crisis Sistémica. Transiciones Hegemónicas. Multipolaridad. Orden Global. Alianza Chino-Rusa.

* Doutorando em Ciência Política e Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Pelotas. É membro do corpo editorial da Revista Perspectivas Sociais.

** Doutor em Sociologia pelo IESP-UERJ (2016). É professor adjunto do Departamento de Sociologia e Política da UFPEL

Introdução

No primeiro quartel do século XXI, o sistema interestatal global atravessa um período de rupturas estruturais e transformações profundas, marcadas por crises sistêmicas e uma transição hegemônica. A segurança internacional, antes garantida pela previsibilidade e estabilidade dos pactos estabelecidos no pós-Guerra Fria, tornou-se cada vez mais frágil. Nesse novo cenário, os interesses dos Estados colidem frequentemente, gerando instabilidade e conflitos. Esse período é caracterizado por guerras, catástrofes ambientais, desigualdades crescentes e desafios significativos à governança global.

Dois fenômenos centrais evidenciam essa crise sistêmica: a intervenção da Rússia na Ucrânia e a consolidação da China como potência global alternativa. Esses eventos sinalizam uma reconfiguração do sistema-mundo no século XXI, marcada pelo declínio da hegemonia estadunidense e pela ascensão de um ciclo hegemônico chinês, conforme sugerido pelas teorias de transição hegemônica.

Nas últimas três décadas, a República Popular da China (RPC) ascendeu ao status de potência global, estreitando suas relações diplomáticas e econômicas com a Federação Russa (FR). Essa cooperação estratégica, tanto militar quanto econômica, representa um dos pilares dessa nova configuração de poder global. De acordo com Arrighi (2007), a China desafia o status quo ocidental, implementando uma estratégia de *acumulação pacífica* por meio de investimentos em infraestrutura global, exemplificados pela Iniciativa Cinturão e Rota (BRI), o Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (AIIB) e o gasoduto Power of Siberia.

A guerra na Ucrânia não pode ser reduzida a um conflito regional, mas deve ser analisada dentro de um contexto mais amplo de contestação à hegemonia ocidental. Desde a Revolução de Maidan (2014) e a subsequente anexação da Crimeia pela Rússia, o conflito se desenhou como uma resposta direta ao avanço da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) para o Leste Europeu, uma dinâmica que Moscou sempre percebeu como ameaça existencial à sua esfera de influência. A escalada de tensões resultou na intervenção russa em 2022, estabelecendo um novo paradigma geopolítico que enfraquece a ideia de uma ordem internacional unipolar. No contexto sino-russo, a guerra acelerou a convergência estratégica entre Pequim e Moscou. A China, embora oficialmente neutra, tem fornecido suporte diplomático e econômico à Rússia, ajudando a mitigar os impactos das sanções ocidentais e fortalecendo a autonomia estratégica russa. Conforme Zhao (2023), essa cooperação se baseia não apenas em interesses energéticos e militares, mas na construção de uma alternativa multipolar à dominância ocidental. Dessa forma, a guerra na Ucrânia é tanto um sintoma das transformações sistêmicas quanto um catalisador da consolidação da

aliança sino-russa. Este conflito, mais do que uma disputa regional, revela as tensões entre grandes potências e serve como um ponto de inflexão nas dinâmicas de poder globais. A intervenção russa pode ser entendida como uma tentativa estratégica de reafirmar sua influência regional e global em face da expansão da OTAN, vista como uma ameaça direta à sua segurança.

A teoria do sistema-mundo, formulada por Wallerstein (1974), oferece uma estrutura teórica sólida para analisar as crises do capitalismo global e suas implicações para a hegemonia internacional. Segundo Wallerstein (2004), o sistema capitalista é intrinsecamente sujeito a crises de *acumulação* e *legitimização*, que derivam das contradições internas desse modelo. Essas crises não são meramente incidentais, mas momentos disruptivos que expõem as fragilidades do sistema e prenunciam uma reconfiguração das relações de poder globais.

A questão central deste estudo é como a aliança sino-russa influencia a reconfiguração da ordem global no contexto da guerra na Ucrânia e de que maneira essa cooperação contribui para o declínio da hegemonia ocidental, especificamente dos EUA. O foco está em examinar como a cooperação entre China e Rússia afeta as estruturas geopolíticas e econômicas, moldando um sistema internacional mais multipolar e desafiando a supremacia estadunidense.

Para isso, a metodologia de *process tracing* será aplicada com o objetivo de analisar os eventos históricos e políticos específicos que impulsionaram essa aliança estratégica, utilizando dois estudos de caso principais: (1) a cooperação militar sino-russa no fornecimento de tecnologia de defesa e (2) as implicações econômicas da Iniciativa Cinturão e Rota (Belt and Road Initiative – BRI) e seu impacto em países estratégicos como os da Ásia Central. A abordagem contribui ao presente estudo, pois conecta as causas aos resultados dentro de uma população de casos semelhantes, permitindo aos pesquisadores examinar o desenrolar de eventos ao longo do tempo, identificando evidências diagnósticas que podem confirmar ou refutar hipóteses causais (BEACH; PEDERSEN, 2013; BENNETT; CHECKEL, 2015).

Nas seções subsequentes, discutiremos as causas subjacentes das crises sistêmicas atuais, analisando como a cooperação sino-russa emerge como um fator crucial que desafia a ordem liderada pelos EUA. A análise se apoiará nas teorias de transição de poder de Arrighi (1994) e na análise do sistema-mundo de Wallerstein (1974) para examinar o movimento em direção à multipolaridade. A seção final abordará conceitualmente o declínio da unipolaridade estadunidense e a ascensão da China como uma potência alternativa, sinalizando uma mudança fundamental no sistema internacional.

Causas estruturais sistêmicas no sistema-mundo

As crises sistêmicas no capitalismo global refletem a interação complexa de múltiplos fatores estruturais, que operam de maneira dialética e interdependente. No cerne dessas crises, está a natureza expansiva e contraditória do próprio sistema capitalista, conforme analisado por Wallerstein (1974). Para compreender a formação e os desdobramentos da aliança sino-russa no contexto da guerra na Ucrânia, faz-se necessária uma análise meticulosa que rastreie os eventos históricos e decisões políticas subjacentes, elucidando as dinâmicas sistêmicas que moldaram tais movimentos estratégicos. A metodologia de *process tracing* aplicada neste estudo permite conectar causas e consequências de maneira precisa, revelando como determinadas decisões de política externa contribuíram para a atual reconfiguração do sistema-mundo.

Wallerstein (2004) argumenta que as crises sistêmicas são inerentes ao capitalismo global, que se caracteriza por ciclos de acumulação e legitimação. Tais crises são catalisadas quando a expansão contínua do sistema encontra obstáculos tanto internos quanto externos, gerando rupturas que reconfiguram as relações de poder. A expansão do capitalismo, embora vital para sua sobrevivência, encontra inevitavelmente seus limites: “A economia-mundo capitalista é, por natureza, um sistema em expansão. Seu crescimento contínuo é essencial para sua sobrevivência. No entanto, essa mesma expansão leva a crises à medida que encontra tanto contradições internas quanto limites externos” (WALLERSTEIN, 2004, p. 23, tradução nossa).

Essas contradições manifestam-se de várias maneiras, sendo uma das mais proeminentes as crises de acumulação, que ocorrem quando o sistema enfrenta dificuldades em manter a rentabilidade. A saturação dos mercados e o aumento da concorrência global levam a uma superprodução, resultando em recessões econômicas e reestruturações nas cadeias produtivas. Conforme aponta Wallerstein (2004, p. 31, tradução nossa), “[...] as crises de acumulação ocorrem quando o sistema é incapaz de sustentar a acumulação de capital lucrativo, levando a recessões econômicas e reestruturações”. Este fenômeno é exacerbado pelas crises de legitimação, que emergem quando as instituições do sistema capitalista perdem sua capacidade de manter a ordem social, resultando em desconfiança pública nas estruturas políticas e econômicas, e, consequentemente, em instabilidade sociopolítica.

No cenário contemporâneo, a guerra na Ucrânia e a ascensão da China refletem essas crises sistêmicas em múltiplas dimensões. A aliança sino-russa, por exemplo, não pode ser compreendida sem que se considere as tensões históricas enraizadas na expansão da OTAN e na reação da Rússia contra o que vê como uma ameaça à sua segurança. O *process tracing* revela como decisões geopolíticas estratégicas, como

a ampliação da OTAN no Leste Europeu, estão diretamente ligadas a eventos que resultaram na intervenção militar russa e na consolidação da aliança com a China.

Dessa forma, a ascensão da China como potência global, por sua vez, introduz uma nova fase de competição geopolítica e econômica, desafiando a supremacia estadunidense. Enquanto as teorias de ciclos hegemônicos de Arrighi (2007) indicam que o declínio da hegemonia estadunidense era esperado, o surgimento da China como líder econômico alternativo marca uma ruptura no paradigma da governança global. A China, ao contrário de potências hegemônicas anteriores, busca expandir sua influência por meio de uma “acumulação pacífica”, representada por investimentos estratégicos em infraestrutura e diplomacia econômica, ao invés de confrontos militares diretos. No entanto, essa estratégia está longe de ser passiva, pois representa um desafio direto ao status quo, alterando as dinâmicas tradicionais de poder global.

A expansão da OTAN para o Leste Europeu representa um elemento crucial na análise das causas estruturais do conflito na Ucrânia, tanto em termos de segurança regional quanto em seu impacto nas dinâmicas de poder global do pós-Guerra Fria. Desde o colapso da União Soviética, a OTAN tem gradualmente ampliado sua influência na Europa Oriental, o que não deve ser entendido apenas como uma medida de defesa, mas como uma extensão estratégica que Moscou considera uma ameaça direta à sua segurança nacional e sua esfera de influência histórica. Para Wallerstein (1993), o fim da Guerra Fria não implicou a superação das rivalidades entre as grandes potências, mas sim uma reorganização dessas tensões em novos moldes, exacerbadas por disputas sobre esferas de influência. O autor observa que a tentativa de consolidar a hegemonia ocidental, particularmente por meio da OTAN, intensificou as contradições do sistema-mundo capitalista, tornando mais evidentes as falhas e tensões que agora se manifestam de forma mais disruptiva (Wallerstein, 1993). A resposta da Rússia à expansão da OTAN, portanto, não pode ser vista como um evento isolado, mas como uma resposta à tentativa de solidificar uma ordem internacional unipolar liderada pelos EUA, uma ordem que agora enfrenta sérios desafios com o surgimento de uma multipolaridade liderada por potências revisionistas como a China e a Rússia (MEARSHEIMER, 2014).

A aliança sino-russa, fortalecida em resposta a essas pressões ocidentais, é um elemento central na análise dessa nova reconfiguração geopolítica. Conforme Zhao (2023), a postura da China em relação à crise russo-ucraniana deve ser interpretada como parte de uma estratégia mais ampla de balanceamento de poder global. Zhao (2023) argumenta que, ao evitar uma condenação explícita da Rússia, a China visa proteger seus interesses estratégicos, ao mesmo tempo que mantém uma posição de neutralidade calculada para evitar uma deterioração de suas relações econômicas

com o Ocidente. No entanto, esta aliança transcende a esfera política, sendo caracterizada por uma cooperação estratégica que abrange os campos militar, econômico e tecnológico. Essa cooperação visa, de fato, reconfigurar a dinâmica global de poder, desafiando a hegemonia estadunidense e as normas estabelecidas pela ordem liberal ocidental. Neste sentido, a aliança sino-russa se coloca como uma força de revisão da ordem global, propondo uma alternativa concreta à unipolaridade que caracterizou o cenário internacional desde o fim da Guerra Fria.

Desde 2014, conforme relatado por Radin *et al.* (2021), o aprofundamento da cooperação sino-russa reflete uma convergência de interesses estratégicos que tem implicações profundas para a política externa dos Estados Unidos e seus aliados. Radin *et al.* (2021) destacam que a parceria sino-russa, consolidada através de acordos em áreas cruciais como defesa e energia, surge como resposta a uma percepção crescente de ameaça externa por parte do Ocidente (RADIN ET AL., 2021). A expansão da OTAN e a crescente influência dos EUA nas áreas que a Rússia e a China consideram estratégicas – como a Ásia Central e o Leste Europeu – catalisaram essa aliança, transformando-a em um instrumento para fortalecer suas posições no sistema internacional e, ao mesmo tempo, criar contrapesos efetivos à hegemonia ocidental. Assim, a aliança sino-russa não é uma mera reação às ações do Ocidente, mas uma iniciativa proativa para redefinir as estruturas de poder global.

A análise de Radin *et al.* (2021) enfatiza que essa parceria estratégica deve ser entendida no contexto de um esforço coordenado para desafiar as regras do jogo impostas pela ordem liberal internacional. A colaboração entre China e Rússia visa garantir que suas próprias esferas de influência sejam respeitadas e que o poder dos Estados Unidos e da União Europeia seja neutralizado nas regiões que ambas as potências consideram críticas para seus interesses. Nesse sentido, mais do que uma simples resposta às pressões ocidentais, a aliança sino-russa reflete uma visão comum de um novo equilíbrio de poder, no qual o Ocidente não mais desfruta da preeminência incontestada que manteve desde o fim da Guerra Fria.

As condições necessárias desempenham um papel fundamental na explicação dos eventos históricos e políticos. Segundo Goertz e Levy (2007), a abordagem de *necessary condition counterfactual* sugere que, se uma determinada condição não tivesse ocorrido, o evento subsequente também não teria acontecido. Aplicada ao contexto da guerra na Ucrânia, pode-se argumentar que a expansão da OTAN para o leste funcionou como essa condição necessária. Sem a ampliação da aliança militar em direção às fronteiras russas, a resposta russa e o subsequente conflito poderiam não ter se materializado (GOERTZ; LEVY, 2007). Essa linha de raciocínio permite entender a guerra não como um acontecimento inevitável, mas como o resultado de uma

sequência de escolhas políticas, moldadas por percepções estratégicas e rivalidades entre grandes potências.

Esse raciocínio é exemplificado pela análise de Niall Ferguson (1997), que utiliza a lógica contrafactual para questionar como eventos alternativos poderiam ter evitado catástrofes históricas. Ferguson argumenta que, se a Grã-Bretanha tivesse mantido sua neutralidade durante a Primeira Guerra Mundial, o século XX poderia ter sido pouparado de desdobramentos como a Revolução Bolchevique e a Segunda Guerra Mundial (FERGUSON, 1997). De maneira similar, se a OTAN não tivesse promovido sua expansão após o colapso da União Soviética, a percepção russa de uma ameaça existencial poderia ter sido mitigada, possivelmente evitando o conflito que agora molda o cenário geopolítico global. O uso de contrafactuals, portanto, nos ajuda a questionar o caráter inevitável do conflito e sugere que a dinâmica de poder poderia ter seguido uma trajetória alternativa.

Além de Goertz e Levy (2007), Schroeder (2007) também destaca a importância dos contrafactuals como ferramenta analítica para historiadores e cientistas políticos. Segundo Schroeder (2007), os contrafactuals não são meras especulações, mas uma maneira rigorosa de questionar as cadeias causais que levaram aos eventos atuais. No caso da guerra na Ucrânia, podemos aplicar essa lógica para examinar as decisões da OTAN e da Rússia, e como o sistema internacional criou condições que transformaram escolhas políticas em um conflito inevitável. A questão aqui não é apenas o que aconteceu, mas o que poderia ter acontecido se outras escolhas tivessem sido feitas.

O uso de contrafactuals nas pesquisas acadêmicas também são uma maneira de ampliar o debate político e intelectual. Odell (2001) observa que, em muitos casos, uma argumentação contrafactual bem elaborada pode ser mais persuasiva do que a simples exposição de fatos históricos. Ao aplicar essa lógica à guerra na Ucrânia, podemos ver como a expansão da OTAN, longe de ser uma escolha unilateral, resultou em uma série de decisões que desencadearam uma reação adversa da Rússia. Metáforas como “barril de pólvora” ou “janela de oportunidade” podem ser úteis para descrever a tensão crescente nas relações entre a Rússia e o Ocidente, mas é a análise contrafactual que nos permite explorar se essas condições poderiam ter sido mitigadas ou alteradas.

No contexto da Primeira Guerra Mundial, Levy (2007) explora uma cadeia de hipóteses de condição necessária, argumentando que a crença alemã na não intervenção britânica foi essencial para o apoio dado à Áustria, o que resultou no último austriaco que precipitou a guerra. No caso da Ucrânia, uma análise semelhante pode ser aplicada à crença da Rússia de que a expansão da OTAN representava uma ameaça inaceitável à sua segurança, criando o ambiente ideal para o escalonamento do

conflito. Da mesma forma que a Alemanha subestimou a resposta britânica, a Rússia pode ter subestimado as reações ocidentais ao seu envolvimento militar na Ucrânia.

Lebow (2001) e Thompson (2007) argumentam que a contingência é crucial para entender eventos históricos, uma vez que decisões são frequentemente moldadas por uma interseção de múltiplos fatores e caminhos causais. No caso da guerra na Ucrânia, a contingência desempenhou um papel vital. Embora a expansão da OTAN e a reação russa tenham seguido uma lógica previsível dentro da estrutura sistêmica, eventos imprevistos, como a resposta internacional à invasão, alteraram significativamente o curso do conflito. Segundo a análise de Perrow (1984), o conflito pode ser interpretado como um “acidente sistêmico”, em que a interação de diferentes fatores – como a política de segurança da OTAN, as ações russas e as reações internacionais – criou uma situação que escapou ao controle de seus principais atores. Nesse sentido, a guerra na Ucrânia não pode ser vista apenas como uma resposta racional de Moscou à expansão ocidental, mas também como o resultado de uma interação complexa e contingente de forças que culminaram em um conflito de escala global.

As ações da Rússia no conflito são interpretadas por muitos analistas como uma tentativa de reposicionamento estratégico, visando salvaguardar seus interesses de segurança nacional em face da crescente presença militar da OTAN em seu entorno imediato. Contudo, ao aplicarmos a lógica do contrafactual, podemos sugerir que, se a OTAN tivesse evitado sua expansão para o leste, a percepção russa de ameaça poderia ter sido menos acentuada, e o conflito possivelmente evitado. Nesse sentido, a guerra na Ucrânia é tanto uma disputa regional quanto um reflexo das tensões sistêmicas mais amplas do sistema internacional, que está passando por uma reconfiguração de poder. A aliança sino-russa, a ascensão da China e o declínio relativo da hegemonia estadunidense são manifestações de um cenário global em transição, no qual o conflito na Ucrânia atua como um ponto de inflexão crucial.

As ações da Rússia no conflito da Ucrânia são amplamente interpretadas por analistas como parte de uma estratégia de reposicionamento dentro de uma ordem global em transformação. Moscou busca salvaguardar seus interesses de segurança, sobretudo frente à expansão da OTAN para o leste, que é vista como uma ameaça direta à sua esfera de influência nos espaços pós-soviéticos. Este conflito, contudo, não pode ser entendido isoladamente; ele reflete uma disputa sistêmica mais ampla por poder e influência no cenário global. A guerra na Ucrânia é um dos muitos sinais de uma reestruturação do sistema internacional, caracterizada por uma crescente contestação da ordem unipolar liderada pelos Estados Unidos.

Essa disputa pela ordem global está estreitamente relacionada com a ascensão da China, que se consolidou como um ator chave na geopolítica internacional. Confor-

me destacado por Saich *et al.* (2023), “[...] um ano após a invasão da Ucrânia pela Rússia, a posição da China permaneceu firme”, fornecendo apoio retórico a Moscou e evitando uma condenação direta. Este alinhamento estratégico é um reflexo do compromisso da China com uma nova ordem multipolar, na qual o Partido Comunista Chinês (PCC) vê uma oportunidade para desafiar a supremacia ocidental. Esse movimento sugere uma convergência de interesses estratégicos entre China e Rússia, que enxergam no cenário atual a chance de consolidar uma arquitetura de poder menos centrada no Ocidente.

A aplicação da metodologia de *process tracing* permite uma compreensão mais profunda das condições que levaram ao desenrolar desses eventos. A expansão da OTAN para o leste pode ser vista como uma condição necessária que precipitou a resposta militar da Rússia. A análise contrafactual, como argumentado por Goertz e Levy (2007), possibilita explorar cenários alternativos: se a OTAN tivesse evitado sua ampliação, a percepção de ameaça russa poderia ter sido mitigada, o que talvez tivesse evitado o conflito. Contudo, a reação da Rússia deve ser vista em conjunto com a intensificação da cooperação sino-russa, que surge como um fator fundamental no cenário global contemporâneo. Sem essa aliança, o equilíbrio de poder poderia ter se mantido mais favorável ao Ocidente, conforme sugerido por Ferguson (1997).

A aliança sino-russa transcende uma mera resposta conjuntural às pressões ocidentais e se insere dentro de um projeto estratégico de longo prazo para reconfigurar as dinâmicas de poder global. Conforme Zhao (2023), a postura da China na relação com a Rússia é de um “equilíbrio assimétrico”, no qual Pequim apoia Moscou economicamente e diplomaticamente, mas sem se comprometer militarmente de forma direta. Isso permite que a China capitalize sobre as fragilidades ocidentais sem entrar em um confronto aberto com os EUA e a União Europeia. A cooperação sino-russa se manifesta em três principais eixos: militar, econômico e tecnológico. No setor militar, a intensificação de exercícios conjuntos e o compartilhamento de tecnologias avançadas têm elevado a interoperabilidade entre as forças russas e chinesas. No campo econômico, a diversificação dos fluxos comerciais, incluindo a crescente transação de petróleo e gás russo para a China em yuan, demonstra uma tentativa de reduzir a dependência do sistema financeiro ocidental. No setor tecnológico, a colaboração em inteligência artificial e telecomunicações desafia o monopólio das empresas ocidentais sobre infraestrutura crítica. Esses fatores indicam que a aliança sino-russa não apenas responde às pressões ocidentais, mas representa um esforço sistemático para moldar uma ordem global alternativa. Assim, a aliança não é uma reação passiva, mas uma estratégia proativa para reconfigurar as relações de poder no sistema internacional.

Seguindo a linha de Wallerstein (2004) e Arrighi (2007), a ascensão da China deve ser interpretada dentro da lógica estrutural do sistema-mundo, caracterizada por ciclos sistêmicos de acumulação e crises periódicas de hegemonia. O declínio dos Estados Unidos e a emergência chinesa não representam apenas uma substituição de potências, mas um sintoma das limitações intrínsecas do sistema capitalista global. Wallerstein (2004) argumenta que cada potência hegemônica opera dentro de um modelo de acumulação que, ao atingir um ponto de saturação, perde sua capacidade de expansão e enfrenta desafios políticos e econômicos internos e externos. Nesse sentido, a estratégia chinesa de expansão econômica, via *Belt and Road Initiative* (BRI), deve ser compreendida como um mecanismo para mitigar os efeitos dessa saturação sistêmica, enquanto simultaneamente desafia a centralidade ocidental sem recorrer diretamente ao confronto militar. No entanto, como sugerido por Mearsheimer (2014), essa estratégia pacífica pode eventualmente se tornar insustentável à medida que a China expande sua influência em regiões de interesse estratégico ocidental, como o Indo-Pacífico. Esse paradoxo entre acumulação pacífica e competição geopolítica direta levanta questões sobre os limites dessa abordagem chinesa.

A teoria contrafactual ajuda a questionar a inevitabilidade dos eventos. Conforme argumentado por Ferguson (1997), eventos alternativos poderiam ter alterado substancialmente o curso da história. No caso da Ucrânia, se a OTAN tivesse seguido uma política mais conciliatória, a escalada russa poderia ter sido evitada. No entanto, como apontado por Lebow e Thompson (2001), a contingência desempenha um papel crucial na política internacional, sugerindo que eventos inesperados podem alterar radicalmente a trajetória de um conflito. A interação de diferentes fatores – como a política de segurança da OTAN, as reações internas na Rússia e a resistência da Ucrânia – pode ser vista como um “acidente sistêmico”, conforme descrito por Perrow (1984), no qual as interações imprevisíveis entre atores criam um cenário que escapa ao controle inicial das partes envolvidas.

A aplicação do *process tracing* demonstra que a guerra na Ucrânia e a aliança sino-russa não são eventos isolados, mas interdependentes, revelando as condições necessárias que explicam sua origem e desenvolvimento no sistema internacional. Ao examinar essas condições, fica claro como as escolhas políticas e estratégicas desencadeiam consequências de longo alcance, moldando a atual reconfiguração de poder global. A lógica contrafactual reforça a análise, permitindo vislumbrar cenários alternativos que poderiam ter evitado ou mitigado o impacto dessas crises. No entanto, é através da compreensão dessas crises sistêmicas, intrinsecamente conectadas ao capitalismo global, que podemos observar o desdobramento de um processo mais amplo: a transição hegemônica em curso.

Transições hegemônicas

O conflito na Ucrânia acelera a transição de uma ordem global unipolar, dominada anteriormente pelos EUA, para uma configuração mais multipolar. Este realinhamento das forças globais, com a China e a Rússia assumindo papéis mais proeminentes, desafia a supremacia dos EUA e a ordem estabelecida no pós-Guerra Fria. As ações da Rússia na Ucrânia, juntamente com o apoio tácito da China, simbolizam uma mudança de paradigma geopolítico, revelando um cenário cada vez mais fragmentado, no qual novas alianças e esferas de influência emergem como fatores críticos na configuração do sistema internacional.

A ascensão da China como uma potência global desafia o *status quo* da hegemonia ocidental, representando uma resposta estratégica às crises de acumulação e legitimação enfrentadas pelas potências ocidentais. Arrighi (2007) argumenta que a China está adotando uma estratégia de “acumulação pacífica”, evidenciada por seus amplos investimentos em infraestrutura global por meio de iniciativas como a Belt and Road Initiative (BRI). Segundo o autor, “[...] a ascensão da China como potência global é caracterizada por sua estratégia de acumulação pacífica e investimentos significativos em projetos de infraestrutura global, desafiando a hegemonia ocidental” (ARRIGHI, 2007, p. 218), consolidando sua influência sem recorrer ao confronto militar direto.

A teoria dos “ciclos sistêmicos de acumulação” de Arrighi (2008) oferece uma estrutura vital para compreender a dinâmica do capitalismo e suas transições hegemônicas ao longo da história, abordando como o poder econômico e político é consolidado e eventualmente transferido entre grandes potências. Arrighi distingue que, em cada ciclo, a ascensão de uma nova hegemonia é impulsionada por uma fase inicial de expansão material, marcada por investimentos em infraestrutura produtiva e territorial, seguida de uma fase de financeirização, na qual o capital, ao enfrentar saturação de mercados, se volta para o setor financeiro em busca de lucros. Segundo Arrighi, essa fase de financeirização não apenas indica uma limitação estrutural do modelo vigente, mas também prenuncia um declínio da potência dominante, que então abre espaço para novas lideranças globais (ARRIGHI, 1994, 2008).

Aplicando esses conceitos ao contexto atual, a China representa uma nova fase de acumulação que contrasta com o paradigma ocidental, optando por estratégias de “acumulação pacífica” e diplomacia econômica, como exemplificado pela Belt and Road Initiative. Tal abordagem desvia do tradicional imperialismo militarista ocidental, mas projeta a China como um centro global de poder econômico, estabelecendo uma rede de dependências econômicas e políticas que, nas palavras de Arrighi (2007), desafia diretamente a hegemonia ocidental e questiona a sustentabilidade do

modelo estadunidense financeirizado. Esse contraste entre o declínio dos EUA e o método chinês de acumulação gera um contexto no qual a aliança sino-russa ganha relevância estratégica, posicionando-se como uma coalizão que, longe de ser uma simples resposta às pressões ocidentais, busca moldar um novo equilíbrio de poder multipolar.

Conforme Arrighi (2008) argumenta, a transição entre hegemonias não ocorre de maneira linear, mas envolve realinhamentos geopolíticos e econômicos profundos. A aliança entre a China e a Rússia ilustra este processo, configurando-se como uma resposta estratégica ao declínio percebido da influência estadunidense. Esse movimento não se limita à resistência ao poder ocidental, mas revela uma tentativa sistemática de redefinir as dinâmicas de poder nas regiões asiáticas e em outras áreas de interesse geopolítico. Esse realinhamento de forças, segundo Radin *et al.* (2021), transforma a aliança sino-russa em um elemento catalisador de uma ordem multipolar emergente, não apenas desafiando, mas reconfigurando a própria estrutura da governança global.

Dessa forma, a compreensão dos “ciclos sistêmicos de acumulação” nos permite observar a aliança sino-russa como parte de um movimento mais amplo e estratégico de transição de poder no sistema-mundo, apoiado por decisões econômicas e políticas que subvertem a ordem liberal consolidada. Esse encadeamento entre teoria e contexto atual proporciona um entendimento mais analítico dos processos hegemônicos em andamento e prepara o terreno para uma discussão mais aprofundada sobre a transição hegemônica, que examina como essa aliança redefine as fronteiras da ordem global.

De acordo com Feng (2013), a teoria de transição de poder oferece uma lente analítica precisa para entender as tensões inerentes à ascensão de potências desafiadoras. Feng (2013, p. 170-173, tradução nossa) argumenta que:

A paridade entre o líder incumbente e um desafiador aumenta a probabilidade de guerra, enquanto uma preponderância de poder em favor do incumbente é propícia à paz [...] Entre as nações emergentes (BRICs), a China é discutida como uma potencial candidata à liderança mundial [...] A interdependência econômica e financeira entre os Estados Unidos e a China é atualmente a força motriz em suas relações [...] A colaboração econômica e a interdependência impulsionam as relações entre os dois, mas não são condições suficientes para uma transição pacífica, até que suas relações políticas e de segurança se solidifiquem e suas preferências coalesçam substancialmente.¹

1 Per power-transition theory, parity between the incumbent leader and a challenger increases the likelihood of war, while a preponderance of power in favor of the incumbent is conducive to peace [...] Among the newly rising nations (BRICs), China is discussed as a potential contender for world leader-

Consequentemente, Feng (2013) oferece um quadro teórico bem estruturado a partir do qual podemos mensurar as condições sob as quais a liderança global pode mudar de mãos, e as complexidades envolvidas na passagem de poder para as nações emergentes. O primeiro quartel do século XXI é caracterizado por uma significativa perca gradativa de influência e liderança dos EUA para as potências emergentes, o que reflete não apenas um deslocamento de poderio político e econômico, mas uma (re)configuração nas estruturas e normas que definem o sistema internacional (Feng, 2013).

Para avançar essa análise, Schweller e Pu (2011) oferecem uma interpretação detalhada das fases de transição hegemônica, que auxiliam na compreensão do papel da aliança sino-russa no contexto de uma ordem global em transformação. Em *After unipolarity: China's vision of international order in an era of U.S. decline*, os autores delineiam cinco fases que compõem o ciclo da hegemonia global, proporcionando um esquema pelo qual a ascensão de uma potência e o declínio de outra podem ser sistematicamente analisados. Como destacam, “[...] na primeira fase, há uma ordem estável em que uma potência hegemônica controla o sistema internacional; na segunda fase, o poder e o papel da potência hegemônica são contestados e desarticulados” (SCHWELLER; PU, 2011, p. 42). Essa estrutura revela como a China e a Rússia, juntas, exploram as vulnerabilidades do atual incumbente, ajustando suas estratégias para moldar uma ordem multipolar em vez de aceitar passivamente a dominação ocidental.

Essas perspectivas, ao serem interligadas, sugerem que a aliança sino-russa é mais do que uma parceria estratégica de conveniência; ela representa uma resposta tática e estruturada à gradual erosão da hegemonia dos EUA. Ao enquadrar a transição hegemônica sob a perspectiva de uma colaboração estratégica em ascensão, tanto Feng (2013) quanto Schweller e Pu (2011) auxiliam na compreensão de como o atual sistema internacional está evoluindo para refletir novas distribuições de poder, em que alianças emergentes contestam ativamente os pilares da ordem global estabelecida.

Na terceira fase do ciclo hegemônico, segundo Schweller e Pu (2011), alianças estratégicas entre potências emergentes surgem como um mecanismo estruturante para contestar a ordem unipolar estabelecida. A aliança sino-russa representa uma ação deliberada e sistematizada, que busca desestabilizar a hegemonia estadunidense ao promover uma estrutura multipolar mais balanceada. Esta parceria é um elemento catalisador de reequilíbrio geopolítico, onde China e Rússia, por meio de colabora-

ship [...] The economic and financial interdependence between the United States and China is currently the driving force in their relations [...] Economic collaboration and interdependence drive the relations between the two, they are not sufficient conditions for a peaceful transition, until their political and security relations are solidified and their preferences coalesce substantively.

ções estratégicas, visam contrapor-se ao domínio militar e econômico norte-americano, delineando, assim, zonas de influência alternativas em esferas cruciais de segurança e economia.

A estrutura proposta por Schweller e Pu (2011) para entender o comportamento estratégico das potências emergentes permite a análise crítica das intenções subjacentes à aliança sino-russa. Essa parceria, ao invés de ser uma resposta circunstancial a eventos específicos, reflete um cálculo estratégico de longo prazo, orientado pela reorganização das redes de segurança e pela cooperação tecnológica e militar. Este enfoque conjunto visa redesenhar a arquitetura de segurança internacional, criando uma plataforma de resistência às normas ocidentais tradicionais. Evidências da colaboração sino-russa em tecnologia militar avançada e projetos energéticos críticos na Eurásia exemplificam como essa aliança altera concretamente a dinâmica de poder vigente e desafia as suposições liberais sobre a ordem mundial.

Desse modo, a aliança sino-russa não é apenas um marco nas relações de poder; é uma reestruturação das normas que fundamentam o sistema internacional. Essa parceria, orientada pela projeção de influência em regiões estratégicas e pelo desmantelamento gradual do poder unipolar, convida a uma reavaliação das tendências em defesa e segurança global. Dessa forma, este estudo, portanto, se posiciona no centro de uma reflexão crítica sobre as transformações emergentes no sistema mundial e sobre como a aliança sino-russa redefine os termos do equilíbrio de poder, estabelecendo uma base teórica e prática para o futuro da ordem internacional.

O fortalecimento da aliança sino-russa no contexto do conflito na Ucrânia exige uma análise fundamentada das principais teorias de alianças internacionais, particularmente a Teoria do Balanceamento de Ameaças de Walt (1987). Segundo Walt, alianças se formam em resposta à percepção de ameaças, em vez de apenas ao poder bruto. Fatores como proximidade geográfica, capacidades ofensivas e intenções percebidas determinam essas alianças (Walt, 1987). No caso sino-russo, a expansão da OTAN é percebida como uma ameaça conjunta, levando a uma cooperação estratégica militar, econômica e política com o objetivo de contrabalançar a influência ocidental.

Esse contexto insere-se na transição hegemônica global, caracterizada por eventos como a crise financeira de 2008, que expôs vulnerabilidades estruturais dos Estados Unidos e consolidou a resiliência da economia chinesa (ARRIGHI, 2007). A Iniciativa Cinturão e Rota (BRI), uma estratégia chinesa de expansão econômica e geopolítica, simboliza essa ascensão da China como uma potência emergente (GRIFFITHS, 2017). Ademais, a resposta eficiente da China à pandemia de covid-19, em contraste com a abordagem fragmentada de países ocidentais, fortale-

ceu a imagem do modelo de governança chinês (BACHULSKA; LEONARD, 2023; GREITENS, 2022).

A Teoria do Balanceamento de Ameaças de Walt também é relevante para entender o cenário ucraniano. Walt argumenta que fornecer armas a Kiev poderia intensificar a tensão, evidenciando que ações estratégicas dos Estados são moldadas pela percepção de ameaças em um contexto complexo de interações (WALT, 2015). Sua análise sugere que a escalada militar não resolve crises subjacentes; pelo contrário, reforça ciclos de hostilidade. Esse entendimento é crucial para compreender como as percepções de insegurança moldam as decisões de política externa, especialmente no que se refere ao apoio militar externo.

No século XXI, a aliança sino-russa aparece como um mecanismo fundamental de resposta a ameaças multilaterais — militares, econômicas e políticas —, fortalecida pela percepção de uma ameaça comum, como a expansão da OTAN. Tal aliança alinha-se com a visão de Modelska (1963) sobre o papel das alianças em transformar a ordem mundial, promovendo um sistema multipolar e mais equilibrado. Neste cenário, a aliança sino-russa representa não apenas uma resposta estratégica a ameaças imediatas, mas um passo significativo em direção a uma nova ordem global que reflete o crescimento dinâmico e comercial da China.

As alianças geopolíticas no século XXI, notavelmente no contexto dos BRICS, ampliam o terreno para análises críticas sob a ótica das teorias de alianças. A guerra na Ucrânia, por exemplo, revela tensões sistêmicas no capitalismo global, expondo fissuras nas dinâmicas de poder e nas relações econômicas que sustentam o sistema-mundo contemporâneo.

Multipolaridade do Século XXI

Acharya (2014), em *The end of American world order*, explora a transição do sistema internacional de uma ordem unipolar, hegemonizada pelos EUA no pós-Guerra Fria, para uma configuração multipolar, na qual diversas potências exercem influência significativa. Essa mudança redefine as alianças internacionais e desafia as normas estabelecidas, promovendo uma crescente complexidade na política mundial. Acharya (2014) argumenta que o período de unilateralismo americano, entre o fim da Guerra Fria (1991) e o início do século XXI, está em declínio, e eventos como a Guerra do Iraque (2003) e a crise financeira de 2008 ilustram as limitações de uma ordem sustentada exclusivamente pelo poderio norte-americano. A ascensão de novos polos de poder, como a China e a Índia, evidencia uma realidade multipolar em formação, cujos desdobramentos são tangíveis em iniciativas como

a criação do BRICS e na expansão do alcance econômico e militar da China na Ásia e na África.

O período unipolar pós-Guerra Fria é caracterizado pelo surgimento dos EUA como a única superpotência global, capaz de intervir unilateralmente em conflitos internacionais, como nas guerras do Afeganistão (2001) e do Iraque (2003). Sob essa liderança, os EUA promovem uma ordem liberal global alicerçada em instituições como a ONU (Organização das Nações Unidas), o FMI (Fundo Monetário Internacional) e o Banco Mundial, que facilitam a difusão de valores liberais e econômicos. Acharya (2014) identifica essa fase como dependente da superioridade militar, econômica e cultural dos EUA, que não apenas consolidaram seu status, mas também legitimaram sua influência no cenário mundial.

Por outro lado, a multipolaridade — segundo Acharya (2014) — sugere uma distribuição mais equitativa do poder global, manifestada pela ascensão de potências regionais e globais a partir dos anos 2000. A China, em particular, emerge como um ator central na economia e na defesa, ao lado do ressurgimento da Rússia e da crescente proeminência de potências regionais como Índia e Brasil. Este movimento é ilustrado por iniciativas estruturais de alcance global, como a Iniciativa do Cinturão e Rota, a criação do Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (AIIB) e a cooperação em fóruns multilaterais, como o G20, que buscam promover um equilíbrio de poder menos dependente do Ocidente.

A análise de Acharya (2014) identifica eventos marcantes que cristalizam essa transição da unipolaridade para a multipolaridade. A Guerra do Iraque, por exemplo, expõe os limites do unilateralismo americano e suscita uma resistência crescente à sua hegemonia. A crise financeira de 2008, por sua vez, destaca a vulnerabilidade da economia dos EUA e eleva a China ao papel de ator econômico essencial. A formalização do BRICS em 2009 e a expansão da Iniciativa do Cinturão e Rota em 2013 refletem a consolidação do multipolarismo e seu impacto no sistema internacional. Esses eventos, segundo Acharya (2014), demonstram como a multipolaridade não é apenas uma redistribuição de poder, mas uma reconfiguração das normas e estruturas de governança global.

Acharya (2014) destaca como percepções compartilhadas de ameaças e oportunidades estão reconfigurando as alianças internacionais. Exemplos incluem a cooperação sino-russa em resposta às políticas americanas, e a formação de coalizões econômicas e políticas alternativas ao Ocidente, como o BRICS e a Organização de Cooperação de Xangai (SCO). Esses agrupamentos refletem uma busca por autonomia estratégica e econômica em um mundo menos centrado nos EUA.

Acharya (2014) ainda argumenta que a governança global precisa evoluir para

refletir a nova distribuição de poder. Instituições como o FMI e o Banco Mundial devem se reformar para incluir maior participação das potências emergentes. A pluralidade de interesses e valores dessas novas potências sugere que a futura ordem mundial será mais inclusiva e diversificada. A Iniciativa do Cinturão e Rota e o AIIB exemplificam novos mecanismos de cooperação e investimento que desafiam as estruturas tradicionais de governança global dominadas pelo Ocidente.

A transição de uma ordem unipolar para uma multipolar é influenciada por eventos e dinâmicas que moldam essa mudança. Wallerstein (1992) explora a evolução do sistema-mundo capitalista após o fim da Guerra Fria, buscando compreender como as estruturas de poder e as dinâmicas socioeconômicas persistem e se reconfiguram nesse novo contexto. Embora a dissolução da União Soviética e o fim da bipolaridade tenham transformado o cenário geopolítico, Wallerstein argumenta que as estruturas fundamentais do sistema-mundo capitalista permanecem inalteradas, moldadas pela acumulação de capital e dominação. Assim, o término da Guerra Fria representa não uma ruptura, mas uma fase dentro da longa duração do sistema, caracterizada pela redistribuição das forças globais.

Para Wallerstein (1992), o período da Guerra Fria proporcionou uma ordem relativamente estável, mantida pela dissuasão mútua entre EUA e URSS. O fim dessa era revelou, no entanto, um declínio gradual na influência global dos EUA, intensificado por desafios econômicos e produtivos internos. Esse declínio é interpretado por Wallerstein como parte de um processo contínuo de reestruturação do sistema-mundo capitalista, em que novas potências, como China e Rússia, assumem papéis significativos na geopolítica global. Wallerstein define a multipolaridade, portanto, não como uma distribuição equitativa de poder, mas como uma nova configuração de hegemonias dentro de uma ordem que mantém a lógica capitalista e as desigualdades estruturais.

Em sua análise, Wallerstein (1992) expressa ceticismo quanto à possibilidade de que essa nova era multipolar traga mais equidade ou paz. Ele sugere que, ao contrário, a competição entre potências pode intensificar rivalidades, refletindo períodos históricos de tensão e culminando em conflitos, como ocorreu no século XIX. Exemplos contemporâneos incluem a ascensão da China, com uma influência econômica e militar crescente; a União Europeia, consolidando-se como um bloco econômico e político; e a reemergência da Rússia. Essas potências representam não uma ruptura, mas uma continuidade das lógicas capitalistas que perpetuam o sistema-mundo. Wallerstein (1992) observa que, mesmo com a expansão da importância de atores não estatais e o surgimento de novas ameaças, como a guerra cibernética, o sistema continua fundamentado na dinâmica de acumulação e dominação.

Por fim, Wallerstein (1992) conclui que o futuro da ordem mundial depende da capacidade das potências emergentes e estabelecidas de moderar suas rivalidades por meio da cooperação e do diálogo multilateral. Ele argumenta que a construção de uma governança global inclusiva e equitativa requer reformas institucionais que desafiem a lógica unipolar e adotem uma abordagem mais diversa. Para Wallerstein (1992), a era multipolar oferece tanto riscos de conflito quanto oportunidades para a construção de uma ordem internacional mais cooperativa, se – e somente se – houver compromisso com a inclusão e a justiça. Esta análise sublinha a complexidade da multipolaridade, que, embora fragmentada, permanece firmemente enraizada nas dinâmicas do capitalismo global.

Considerações Finais

À guisa de conclusão, as análises de Goertz e Levy (2007) sobre o conceito de «necessary condition counterfactual» oferecem uma visão detalhada da lógica causal aplicada a eventos históricos e políticos. O «necessary condition counterfactual» é definido como um tipo de raciocínio que afirma que, se X não tivesse ocorrido, Y também não teria ocorrido. Tal abordagem contrafactual é fundamental para entender como determinados eventos se configuraram como condições necessárias para a ocorrência de outros eventos (Goertz; Levy, 2007).

A importância desse conceito reside em sua capacidade de explorar cenários hipotéticos, ou “mundos possíveis”, onde X e Y não se concretizaram, conforme discutido por Lewis (1973). Essa metodologia permite aos pesquisadores investigar relações causais complexas, reavaliando eventos históricos e suas consequências. Um exemplo paradigmático é a obra de Niall Ferguson sobre a Primeira Guerra Mundial, onde ele argumenta que, se a Grã-Bretanha tivesse permanecido neutra, muitos dos eventos trágicos subsequentes poderiam ter sido evitados. Ferguson propõe que, sem a intervenção britânica, a Alemanha teria respeitado a integridade territorial de países como Bélgica, França e Holanda, e que a Europa poderia ter evitado a Revolução Bolchevique, a Segunda Guerra Mundial e até o Holocausto (Boynton, 1999).

Autores como Paul Schroeder e Raymond Aron (1986) reforçam a ideia de que historiadores, mesmo que nem sempre de forma explícita, utilizam contrafactuals para explicar o que de fato ocorreu ao considerar o que poderia ter acontecido. Essa prática, com variações em sua aplicação, frequentemente assume a forma de contrafactuals necessários, auxiliando na compreensão dos eventos históricos e de suas implicações (Aron, 1986). No contexto contemporâneo, o conflito entre Rússia e

Ucrânia exemplifica a aplicação prática do conceito de crises sistêmicas manifestadas em conflitos regionais.

Esse conflito não se resume a um evento regional isolado; ele constitui um sintoma das tensões estruturais dentro do sistema-mundo capitalista. Esse conflito é revelador de crises sistêmicas mais amplas, nas quais conflitos regionais refletem mudanças globais de poder e tensões econômicas subjacentes. Assim, o método de *necessary condition counterfactual* de Goertz e Levy (2007) proporciona uma ferramenta analítica para eventos históricos e políticos, permitindo a exploração de cenários alternativos e a compreensão das condições necessárias para a ocorrência de eventos significativos. Essa abordagem não só enriquece a compreensão dos eventos passados, mas também oferece insights valiosos sobre as dinâmicas atuais e futuras no cenário internacional, como demonstrado pelo conflito Rússia-Ucrânia.

Em suma, a análise contrafactual necessária contribui significativamente para a teoria e prática das ciências sociais, oferecendo uma perspectiva robusta para a compreensão das complexas interações causais que moldam nosso mundo. A intervenção russa na Ucrânia pode ser vista como uma manifestação das crises de acumulação, em que o capital enfrenta dificuldades em encontrar novas áreas de investimento lucrativo, levando a disputas geopolíticas. A guerra destaca também as crises de legitimação enfrentadas pelas potências ocidentais, particularmente pelos Estados Unidos e União Europeia, cujas influências e capacidades de impor uma ordem global se encontram em reconfiguração.

A aliança sino-russa representa uma resposta estratégica às crises de acumulação e de legitimação enfrentadas pelas potências ocidentais. Essa parceria busca fortalecer as posições econômicas e geopolíticas de China e Rússia em um contexto de crescente multipolaridade. A China, com sua expansão econômica promovida pela Iniciativa Cinturão e Rota, e a Rússia, através de sua assertividade militar e energética, visam construir uma alternativa ao sistema hegemônico ocidental. Tal aliança procura contornar barreiras impostas por sanções e políticas econômicas do Ocidente, buscando novas vias de acumulação de capital e consolidando uma narrativa de legitimação que se contrapõe aos valores ocidentais.

Vários eventos históricos recentes apontam para uma transição sistêmica do ciclo americano ao ciclo chinês. A crise financeira de 2008 foi um ponto de inflexão que expôs as vulnerabilidades do modelo capitalista centrado nos Estados Unidos. Em contrapartida, a China mostrou resiliência e crescimento contínuo, aproveitando-se da crise para expandir sua influência global. A Iniciativa Cinturão e Rota (BRI), lançada pela China, simboliza uma nova era de investimentos e infraestrutura que desafia diretamente a hegemonia econômica ocidental. Além disso, a resposta eficaz

da China à pandemia de covid-19, comparada às respostas fragmentadas dos países ocidentais, reforçou a percepção da eficiência do modelo chinês de governança e sua capacidade de liderança em tempos de crise.

As relações entre centro, semiperiferia e periferia são reconfiguradas pela aliança sino-russa e pelo conflito na Ucrânia. Tradicionalmente, o centro, representado pelas potências ocidentais, controlava a economia global, enquanto a semiperiferia e a periferia dependiam economicamente dessas potências. Com a ascensão da China e com a Rússia tentando reafirmar sua hegemonia no Cáucaso, essa ordem é desafiada; a semiperiferia (incluindo países emergentes) começa a realinhar suas políticas e economias para se beneficiarem das novas dinâmicas de poder, enquanto a periferia encontra novas oportunidades e alianças que podem reduzir sua dependência do Ocidente. Esse realinhamento sugere uma configuração geopolítica em que a influência econômica e política está mais dispersa, menos centralizada no Ocidente. A estratégia de acumulação pacífica da China está redefinindo a ordem mundial e desafiando a hegemonia ocidental de várias formas.

Em vez de adotar um modelo expansionista militar, a China investe massivamente em infraestrutura global, promovendo o desenvolvimento econômico através de projetos como a Iniciativa Cinturão e Rota. Essa abordagem permite à China criar redes de dependência econômica e influência política sem recorrer ao confronto direto. Além disso, a crescente presença da China em instituições internacionais e sua capacidade de oferecer alternativas ao modelo econômico ocidental estão transformando as normas e estruturas da ordem mundial. Essa estratégia fortalece a posição global da China e pressiona o Ocidente a reconsiderar suas abordagens de dominação econômica e política. A análise do sistema-mundo de Wallerstein (1974) fornece a estrutura teórica para entender as crises do sistema capitalista global. Segundo Wallerstein (1974), essas crises não são incidentes isolados, mas momentos disruptivos que reconfiguram as relações de poder globais. A guerra na Ucrânia, interpretada como um esforço estratégico da Rússia para reafirmar sua influência diante da expansão da OTAN, e a ascensão pacífica da China por meio de investimentos em infraestrutura global, exemplificam essas dinâmicas.

A aplicação da metodologia de *process tracing* revelou como a aliança sino-russa e a guerra na Ucrânia contribuem para a reconfiguração da ordem global. Ao identificar eventos históricos e decisões políticas chave que levaram às crises atuais, evidencia-se como a cooperação sino-russa molda a governança global e desafia as normas ocidentais. A análise demonstrou como a expansão da OTAN e a resposta russa estão enraizadas em estruturas históricas do sistema interestatal, e como a parceria entre China e Rússia contrabalança a influência dos EUA e seus aliados.

Além disso, a teoria das transições hegemônicas e os Ciclos Sistêmicos de Acumulação (CSA) de Arrighi oferecem uma análise incisiva de como a ascensão da China representa uma nova fase de competição e reconfiguração geopolítica. A fase financeira da análise de Arrighi (1993) sugere que a saturação dos mercados e a intensificação da concorrência resultam em crises de acumulação, enquanto a fase material caracteriza-se pela expansão das capacidades produtivas e de infraestrutura.

A multipolaridade do século XXI, conforme discutido por Acharya (2014), propõe uma distribuição mais equitativa do poder global entre várias potências. A ascensão da China e a reemergência da Rússia indicam uma transição de uma ordem unipolar para uma multipolar, sinalizando o declínio da hegemonia americana. Embora a transição multipolar possua potencial para rivalidades intensas, ela também apresenta oportunidades para uma governança mais inclusiva e equilibrada.

As crises sistêmicas atuais e suas implicações para a transição hegemônica no sistema internacional refletem transformações profundas no sistema-mundo capitalista, expondo a evolução da dinâmica de poder global. O futuro do sistema internacional dependerá da habilidade das potências emergentes e estabelecidas em gerenciar suas rivalidades por meio de cooperação e diálogo multilateral. A era multipolar apresenta desafios significativos, mas também oportunidades para uma ordem mundial mais equitativa e colaborativa.

Durante a pesquisa, foram testadas hipóteses alternativas e realizados testes de causalidade para refutá-las ou corroborá-las, assegurando o máximo suporte evidencial para a hipótese principal. A análise revelou que a aliança sino-russa exerce um impacto significativo na reconfiguração das dinâmicas globais. Iniciativas como a Iniciativa Cinturão e Rota e ações militares russas na Ucrânia indicam mudanças estruturais que desafiam a ordem ocidental. A transição para uma ordem multipolar, impulsionada pela ascensão da China e sua aliança com a Rússia, evidencia o declínio do ciclo de acumulação centrado nos EUA e o surgimento do ciclo chinês. Essa transição enfatiza a clareza na inferência causal, permitindo uma análise rigorosa e substancial das dinâmicas de poder global.

Portanto, a aliança sino-russa, como resposta estratégica às crises de acumulação e legitimação enfrentadas pelo Ocidente, revela-se fundamental na construção de uma nova ordem mundial, marcando uma era de crescente multipolaridade e desafios à hegemonia ocidental. Em suma, a guerra na Ucrânia, a aliança sino-russa e a ascensão da China enquanto liderança global, interligam-se em um processo complexo de transição hegemônica e reconfiguração das relações internacionais. Esses desenvolvimentos sublinham as crises sistêmicas do capitalismo contemporâneo e indicam um movimento significativo em direção a uma ordem mundial multipolar.

Referências

- ACHARYA, Amitav. *The End of American World Order*. Cambridge: Polity Press, 2014.
- ARON, Raymond. *Introduction à la philosophie de l'histoire*: essai sur les limites de l'objectivité historique. Paris: Gallimard, 1938. (2^a ed.: Paris: Gallimard, 1986).
- ARON, Raymond. *Les guerres en chaîne*. Paris: Gallimard, 1951.
- ARRIGHI, Giovanni. *Adam Smith em Pequim*: origens e fundamentos do século XXI. São Paulo: Boitempo, 2008.
- ARRIGHI, Giovanni. *Adam Smith in Beijing*: Lineages of the twenty-first century. São Paulo: Boitempo, 2007.
- ARRIGHI, Giovanni. *The long twentieth century*: Money, power, and the origins of our times. London: Verso, 1994.
- ARRIGHI, Giovanni. The three hegemonies of historical capitalism. *Review (Fernand Braudel Center)*, Binghamton: Research Foundation of SUNY, v. 13, n. 3, p. 365-408, Summer 1990. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40241160>. Acesso em: 13 jan. 2024.
- BACHULSKA, Alicja; LEONARD, Mark. *China and Ukraine: The Chinese debate about Russia's war and its meaning for the world*. European Council on Foreign Relations (ECFR), London, n. 501, p. 2-13, 11 Jul. 2023. Local de publicação: 4th floor, Tennyson House, 159-165 Great Portland Street, London W1W 5PA, United Kingdom. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/resrep52064#:~:text=,publications%20available%20in%20open%20access>. Acesso em: 06 out. 2023.
- BEACH, Derek; PEDERSEN, Rasmus Brun. *Process-tracing methods*: Foundations and guidelines. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2013.
- BENNETT, Andrew; CHECKEL, Jeffrey T. (Eds). *Process tracing*: From metaphor to analytic tool. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- BOYNTON, Robert S. Thinking the unthinkable: a young historian proposes that the Great War was England's fault. *The New Yorker*, New York, p. 43-50, 12 abr. 1999.
- FENG, Yi. *Politics and economics in international relations*: China's rise and global order. Beijing: China Social Sciences Press, 2013.
- FERGUSON, Niall. *Virtual history*: Alternatives and counterfactuals. London: Picador, 1997.
- GOERTZ, Gary; LEVY, Jack S. (Eds). *Explaining war and peace*: Case studies and necessary condition counterfactuals. New York: Routledge, 2007.
- GREITENS, Sheena Chestnut. China's Response to War in Ukraine. *Asian Survey*, [S.L.], v. 62, n. 5-6, p. 751-781, set. 2022. University of California Press. <http://dx.doi.org/10.1525/as.2022.1807273>.
- GRIFFITHS, Richard T. Revitalising the Silk Road: China's Belt and Road Initiative. Leiden: Institute for History – Leiden University, 2017.
- LEBOW, Richard Ned. Contingency, catalysts, and international system change. *Political Science Quarterly*, v. 115, n.4, p. 591-616, 2001.
- LEVY, Jack S. The role of necessary conditions in the outbreak of World War I. In: GOERTZ, Gary; LEVY, Jack S. (orgs.). *Explaining War and Peace*: Case Studies and Necessary Condition Counterfactuals. LEWIS, David K. *Counterfactuals*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1973.
- MEARSHEIMER, John J. Can China Rise Peacefully? *The National Interest*, 25 out. 2014. Disponível em: <https://nationalinterest.org/feature/can-china-rise-peacefully-10204>. Acesso em: 15 ago. 2024.
- MODELSKI, George. The study of alliances: a review. *The Journal Of Conflict Resolution*, Vol. 7, No. 4 (Dec., 1963), pp. 769-776, 1963. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/173124>. Acesso em: 07 jun. 2025.
- ODELL, John S. Case study methods in international political economy. *International Studies Perspectives*, v. 2, n. 2, p. 161-176, 2001. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/44218157>. Acesso em: 07 jun. 2025.
- PERROW, Charles. *Normal accidents*: Living with high-risk technologies. New York: Basic Books, 1984.
- RADIN, Andrew et al. *China-Russia cooperation*: Determining factors, future trajectories, implications

- for the United States. Santa Monica, CA: RAND Corporation, 2021. Disponível em: https://www.rand.org/pubs/research_reports/RR3067.html. Acesso em: 15 abr. 2024.
- SAICH, Anthony et al. *Lessons from a year of war in Ukraine*. Cambridge: Harvard Kennedy School, 21 fev. 2023. Disponível em: <https://www.hks.harvard.edu/faculty-research/policy-topics/international-relations-security/lessons-year-war-ukraine>. Acesso em: 15 ago. 2023.
- SCHROEDER, Paul W. Necessary conditions and World War I as an unavoidable war. In: GOERTZ, Gary; LEVY, Jack S. (orgs.). *Explaining War and Peace: Case Studies and Necessary Condition Counterfactuals*. London: Routledge, 2007. p. 94-118.
- SCHWELLER, Randall L.; PU, Xiaoyu. After unipolarity: China's visions of international order in an era of U.S. decline. *International Security*, v. 36, n. 1, p. 41-72, 2011. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41289688>. Acesso em: 20 fev. 2024.
- THOMPSON, William R. Identifying rivals and rivalries in world politics. *International Studies Quarterly*, v. 45, n.4, p. 557-586, 2001.
- THOMPSON, William R. Explaining rivalries. In: GOERTZ, Gary; LEVY, Jack S. (orgs.). *Explaining War and Peace: Case Studies and Necessary Condition Counterfactuals*. London: Routledge, 2007. p. 69-84.
- WALLERSTEIN, Immanuel. *World-systems analysis*: An introduction. Durham: Duke University Press, 2004.
- WALLERSTEIN, Immanuel. The World-System After the Cold War. *Journal of Peace Research*, 30(1), 1-6. 1993. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/424718>. Acesso em: 13 de jan. de 2023.
- WALLERSTEIN, Immanuel. The West, Capitalism, and the Modern World-System. *Review (Fernand Braudel Center)*, v. 15, n. 4, p. 561-619, 1992.
- WALLERSTEIN, Immanuel. *The Modern World-System I: Capitalist Agriculture and the Origins of the European Economy in the Sixteenth Century*. New York: Academic Press, 1974.
- WALT, Stephen M. Why arming Kiev is a really, really bad idea. *Foreign Policy*, 09 fev. 2015. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2015/02/09/how-not-to-save-ukraine-arming-kiev-is-a-bad-idea/>. Acesso em: 22 fev. 2024.
- WALT, Stephen M. *The origins of alliances*. Ithaca: Cornell University Press, 1987.
- ZHAO, Huasheng. Explaining China's reaction to the Russia–Ukraine crisis. *China International Strategy Review*, [S.L.], v. 5, n. 1, p. 24-46, 12 maio 2023. Springer Science and Business Media LLC. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1007/s42533-023-00129-2>. Acesso em: 21 jan. 2024.
- ZHAO, Huasheng. Understanding China's Policy in the Russia-Ukraine War and Implications for China-US Relations. *The Diplomat*. Washington, Dc, p. 1-10. 12 nov. 2023. Disponível em: <https://thediplomat.com/2023/11/understanding-chinas-policy-in-the-russia-ukraine-war-and-implications-for-china-us-relations/>. Acesso em: 21 nov. 2023